

Mário Palmério e “a última virgem”

Almir Diniz de Carvalho

Conta Raquel de Queiroz que um dia, nos idos de 1956, um deputado da bancada federal do PTB de Minas telefonou-lhe pedindo audiência. Raquel pertencia, também à Câmara Federal. Prontamente concedeu-lhe a entrevista. Mas o parlamentar não queria falar de política como a princípio a escritora imaginou. Desejava, apenas, que ela lesse os originais de um livro de sua autoria, pronto para publicação.

O candidato a estreado na arte de romanciar chamava-se Mário Palmério; o livro, “Vila dos Confins”.

No remate da breve apreciação feita ao trabalho de Palmério dizia, então, Raquel de Queiroz: “... Estou apenas dizendo ao público que neste nosso difícil, atormentado ofício, tão precário em alegrias, entrou mais um recruta, que não apenas irá longe, porque já vai longe. É ler para crer”.

O vaticínio de Raquel não podia mais ser claro nem mediunicamente mais preciso.

Vinte e oito anos depois, aqui mesmo, em Manaus, a oferta de um livro por cuja dedicatória já se pode avaliar e definir o homem simples que era o extraordinário romancista:

“Para Aníria e Almir, lembranças muito afetivas, Manaus, 4.1.84. Mario Palmério”.

O livro? – Aquele mesmo “Vila dos Confins”, só que na sua 21ª edição. Livraria José Olímpio Editora, Rio de Janeiro, 1982.

O fato é narrado para que se relembra a vivência do romancista no Amazonas, pelo período prolongado de 10 anos, a partir de fevereiro de 1969, aproximadamente um ano depois de eleito para a Academia Brasileira de Letras na vaga de Guimarães Rosa, com saudação de Cândido Mota Filho. Foi o seu primeiro contacto direto com o Amazonas. Contacto de um ano. Depois vamos encontrá-lo a bordo do iate “Frei Gaspar de Carbajal” construído, especialmente, para percorrer a malha viária líquida do Amazonas em missão particular de observação e estudo, recolhendo material para o seu ofício de escritor.

Era, então, um novo homem, ao abrigo das incompreensões de uma época, distanciado das lides da educação, da política e de empresário do saber, de ativo parlamentar e atuante diplomata, algo parecido com o fazendeiro, proprietário da Fazenda São José do Cangalha, no sertão sudoeste de Mato Grosso, onde liberto dos



Mário Palmério

muitos afazeres em sua universidade, em Uberaba, no Triângulo Mineiro escreveu outro romance vitorioso: “O Chapadão do Bugre”, transformado, depois, em novela. Na proa de sua embarcação, de short apenas, peito nu, olhar penetrante, via tudo, observava tudo, mentalizava tudo. E quando a paisagem se multiplicava em verde e água, em floresta e praias, em aldeamentos e igarapés, em membecas e cardumes, canaranas e murerus, garças e patos selvagens, maguaris e jaçanãs, covas de tartaruga e gaviões... apanhava seus cadernos de apontamentos e registrava tudo o que lhe pudesse um dia servir de miolo ao tema que pretendia desenvolver, romaneando, que romanciar era sua arte.

Retornando de sua primeira viagem ao Amazonas (aquela de um ano) já estava de posse de alentado material colhido nos seringais, castanhais, garimpos, aldeamentos indígenas, nos beiradões, no dédalo infinito de lagos, igapós e pântanos, não sendo exagero dizer que a gama de informações reunidas no convívio diuturno com a vida e a natureza no grande vale, superava em muito vários documentários coligidos por

outros viajantes estudiosos deste nosso mundão ainda desconhecido.

Os conhecimentos armazenados por Mário Palmério naquela primeira viagem e nas outras que se lhe seguiram por mais nove anos, levaram-no a proferir conferências nas universidades de Lisboa, Porto, Coimbra, Madrid, Sorbonne, Aix-me-Provence, Angola, Moçambique... Mas, entre viagens e conferências, ausências e saudades, oferecendo-se a oportunidade, voltada ao encantamento das coisas do Amazonas para reabastecer suas baterias de admiração.

Foram dez anos de desobriga pelos grandes rios amazônicos – rios de águas pretas, barrentas ou esverdeadas – subindo paranás, varando igarapés, vencendo furos, transpondo corredeiras, fundeando em enseadas, desviando-se de correntes violentas e rebojos vorazes, contornando ilhas bordadas de igapós, peitando em remansos, conhecendo lagos, tantos... maravilhando-se com a subida dos cardumes e a enxameação de quelônios nos tabuleiros, convivendo com os caboclos de vivência filosófica nos distantes beiradões, visitando aldeamentos e malocas, sentindo a realidade da pobreza farta e da penúria independente e da riqueza insonhada e ingênua, aprendendo com os nativos um novo conceito de vida isento de formalismo, de vaidade e de ganância.

O que, a princípio, cheirava a busca de liberdade transmutou-se em costumes e em prazer. Ficassem para lá as incompreensões que aqui neste santuário da natureza ainda se respira o oxigênio da paz.

Um dia, inesperadamente, Palmério vendeu o barco “Frei Gaspar de Carbajal” para uma empresa peruana e voltou definitivamente para Uberaba levando na bagagem 10 caixas de cadernos contendo suas anotações diárias, base e fundamento do livro “A Última Virgem” que nunca recebeu forma definida. O título meticulosamente escolhido definia a estrutura do romance da última virgem sobre a face da terra, no limiar de sua imolação.

Com a partida de Mário Palmério que organização será escolhida por Marcelo, seu filho e sucessor, para receber o notável acervo literário das andanças amazônicas do saudoso imortal?

Almir Diniz de Carvalho é jornalista, escritor, advogado e membro da Academia Amazonense de Letras, do Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas e da Academia Amazonense de Poesia.

Nossa Fortaleza

Rosani Abou Adal

Em outubro é comemorado o Dia do Professor (15), Nacional da Leitura (12), do Poeta (20) e Nacional do Livro (24). Prestamos homenagem ao jornalista, escritor e professor Evaldo Augusto Vicente, fundador do jornal *A Tribuna Piracicabana* que imprime e encarta o *Linguagem Viva*.

Evaldo Vicente nasceu em 6 de junho de 1954 em Laranjal Paulista. Graduado em História e Geografia, com Pós-Graduação em Comunicação (Teoria Antropológica da Comunicação) pela Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero. Lecionou Jornalismo Especializado na mesma faculdade.

Autor de um opúsculo sobre Euclides da Cunha em 1972.

Editou, nas décadas de 80 e 90, livros na Gráfica da Tribuna.

Exerceu o cargo de diretor da Associação Brasileira de Jornais do Interior. Foi fundador e presidente da Associação de Jornais do Interior do Estado de São Paulo.

É vice-presidente do Sindicato das Empresas Proprietárias de Jornais e Revistas do Estado de São Paulo (Sindjori-SP) e Segundo Secretário da Academia Piracicabana de Letras, onde ocupa a Cadeira nº 23 que tem como Patrono Leo Vaz.

Participou da fundação da Academia Piracicabana de Letras, Academia Botucatuense de Letras e da Academia de Letras do Centro-Oeste do Brasil, em Barra do Garças, Mato Grosso.

Foi o presidente do 41º Salão Internacional de Humor de Piracicaba em 2014.

Foi homenageado pelo Sarau Literário Piracicabano, que é coordenado por Ana Marly de Oliveira Jacobino.



Evaldo Vicente

Casado com Astir Vallim Vicente, professora e jornalista, e pai de *Erika Vallim Vicente Maestro*, *Evaldo Vicente Filho* e *Erich Vallim Vicente*, que atuam, respectivamente, nas áreas comercial, administrativa e editorial da empresa.

Fundou o jornal *A Tribuna de Piracicaba* - que circulou pela primeira vez em 1 de agosto de 1974 -, *A Tribuna de São Pedro*, *A Tribuna de Rio das Pedras* e *O Semanário de Santa Teresinha*.

O número um do *Linguagem Viva* circulou encartado na edição nº 4091, Ano XVI, 12 de setembro de 1989, terça-feira, de *A Tribuna Piracicabana*.

Segundo Evaldo Vicente, "*Linguagem Viva* veio para fortalecer a redação de *A Tribuna*, pois é esperado todos os meses pelos assinantes, especialmente os que gostam e incentivam o trabalho cultural na cidade."

Evaldo Vicente é a Fortaleza do *Linguagem Viva*. A família Vallim Vicente, o alicerce.

Sem palavras, deixamos eternos agradecimentos em nome dos leitores, colaboradores, assinantes e clientes.

Rosani Abou Adal é escritora, jornalista e Vice-Presidente do Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo.

O Cantor e o Seresteiro

Caio Porfírio Carneiro

Chegasse vivo em três de outubro deste ano, Orlando Silva, cognominado "Cantor das Multidões", alcançaria os cem anos de existência. Faleceu, porém, a sete de agosto de 1978, aos sessenta e três anos incompletos. Nenhum intérprete da nossa música popular superou-o em beleza de voz. De interpretação maravilhosa. Carioca, de família modesta, conquistou os corações do País inteiro.

Minhas irmãs aprendiam as letras de suas gravações através do rádio e folhetos. E eu também as decorava.

Por essa época, inícios da década de 1940, aos doze anos de idade, na Fortaleza do meu tempo, tive uma paixão recolhida por uma mocinha que residia uns três quarteirões da Praça São Sebastião, praticamente despovoada, com velhas árvores espalhadas no areão, onde eu residia. Estava eu entrando na puberdade e nunca namorara mas quando eu a via, palpitava.

Um dia, tive uma idéia genial: fazer para ela uma serenata. Reuni alguns amigos das "peladas" de futebol, dentre eles um que conseguia, mal e mal, arranhar um violão. E eu cantaria, claro, uma música interpretada por Orlando Silva.

Fomos lá uma noite, pelas onze horas, tudo deserto e silencioso. Dei o sinal, o amigo dedilhou o violão de qualquer jeito, e soltei a voz:

*"Ó jardineira,
por que estás tão triste?
Mas o que foi
que te aconteceu?
Foi a Camélia
que caiu do galho,
deu dois suspiros
e depois morreu..."*



Orlando Silva

A voz aguda do pai da minha Diva mandou-nos para o inferno. Luzes de algumas casas se acenderam. Corremos e fomos parar muito além. Os amigos me cercaram e soltaram-me a bronca. Um deles, (já falecido) Kerginal Rodrigues, exclamou, com aprovação geral:

- Caio, você está doido? Cantar uma música, de carnaval passado, numa serenata? Tinha que cantar uma música de seresta, uma canção, uma valsa...

Não concordei. Justifiquei:
- O Orlando Silva, Cantor das Multidões, estourou com essa marcha e todo o mundo canta.

A discussão continuou e o conjunto seresteiro se desfez.

O Orlando Silva imortalizou-se na história da música popular brasileira e eu não consegui a possível primeira namorada.

E o seresteiro morreu para sempre.

Caio Porfírio Carneiro é escritor, contista, romancista e membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - www.linguagemviva.com.br
Editores: Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal
Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000
Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

Distribuição: Encarte em *A Tribuna Piracicabana*, distribuído a assinantes, bibliotecas, livrarias, entidades, escritores e faculdades.
Impresso em *A Tribuna Piracicabana* -
Rua Tiradentes, 647 - Piracicaba - SP - 13400-760

Selos e logo de Xavier - www.xavierdelima1.wix.com/xavi
Artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores
O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

LINGUAGEM VIVA

Assinatura anual: R\$ 70,00

semestral: R\$ 35,00

Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

linguagemviva@linguagemviva.com.br

Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O QUE MEU CORAÇÃO SABE DA SEMENTE

Lina Tâmega Peixoto

A obra de Bernardette Capelo é composta de sessenta e um haicais, sem títulos, que não se prendem a rígidas regras de estrofes de dezessete sílabas, sem rima, em três versos encadeados em 5,7 e 5 sílabas. Modernamente, este gênero poético tem se libertado destas amarras, sem prejuízo da qualidade da poesia. Assim, se comportam os haicais da Autora, onde os encadeamentos rítmicos dos versos revelam, qualitativamente, um tecido lírico que se move em significados de tensão, formando uma combinação harmoniosa de rastro estelar.

No primeiro haikai (numerados de 1 a 61) já se prenuncia o processo criativo da Autora. Transcreve-se:

“O ritual do jasmim: / revelação de um segredo / perfume do silêncio.”(nº1)

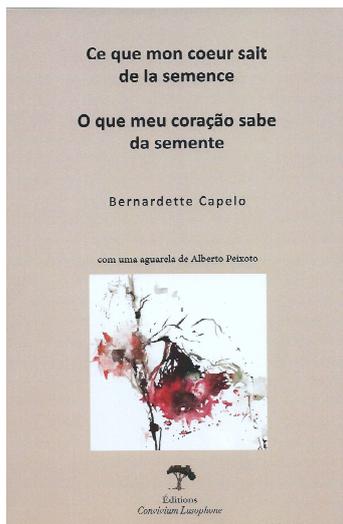
Na leitura do poema, percebe-se a linha que vai interligar as diversas significações que representam o estado anímico da poeta. E relacionamos “perfume” a “jasmim”, ambos subordinados a “silêncio”. Uma imagem de expressão transfiguradora, autorreflexiva, se estabelece pelo desvio sintagmático ao atribuir a “silêncio” uma qualidade, “perfume”, que se identifica, naturalmente, a “jasmim”. O fluir das sensações, esta metamorfose de conteúdo amoroso, percorre o universo poético da Autora até o momento não desvelado, segredo, em que a pluralidade encontra, em delicados movimentos, sua unidade interior.

Vejamos como isto se manifesta na visão de outros haicais que se prendem a esta mesma configuração de transcendência:”

“A chave secreta / conhece todas as portas: / prodígio da semente.” (nº6);

“O silêncio semeado / de sig-nos – fulgura /a luz do a vir.”(nº12) ;

“Meu jasmim exala / o que meu coração sabe / da semente.” (nº19)



Os deslocamentos das imagens, como por exemplo: “meu jasmim”, “silêncio”, “semente”, tomadas como núcleos formadores e fundamentais da memória poética, repetidas em luminosidade e em claro-escuro, estabelecem, nesta obra admirável, as infinitas possibilidades na apreensão do espírito da Autora pela elaboração técnica, consciente e emocional de seu Eu interior que conduz à estruturação do aspecto formal dos poemas. O pronomes possessivo “meu” em jasmim, enfatiza a imagem de si mesma, de certo modo, ainda sem contorno definido.

Atente-se para “perfume do silêncio” (nº1) e “Meu jasmim exala” (nº19). O que se desprende dos nomes é percebido pelo olfato, considerado, desde os tempos remotos, como o mais nobre dos sentidos. A santidade, o intuitivo conhecimento da revelação do outro marcam sua presença, no mundo visível, pelo perfume. Antes de se dar aos olhos, o objeto é pressentido e impregnado pelo que evoca de mistério e de estonteantes e perturbadoras sensações. Relevante a construção de um espaço mágico que a poeta propõe em “O ritual do jasmim”, onde busca vivenciar, neste rito de inicia-

ção, a experiência mística dos instantes e, por consequência, participar da liturgia secreta do “silêncio.”

E acompanhamos o encadeamento das metáforas existenciais como: “meu jasmim”(persona poética) que provoca o aparecimento do “perfume do silêncio” (o tecido do Absoluto) capaz de abrir “todas as portas” (processos intuitivos dos espaços míticos), pela “semente” (construção do imaginário), que, semeada, germina os “signos” (conteúdos simbólicos). O coração, este lado afetivo de plenitude no relacionamento com a vida onírica, sabe do silêncio primordial que se encontra dentro da semente à espera do vir a ser. Deste modo, se desenvolve a experiência sensorial e intelectual da poeta, em distintas imagens que, ao estabelecerem um elo, um encadeamento metafórico, são capazes de trazer a realidade interior para o plano estético. E chegamos, na última leitura, à compreensão de que o silêncio é a semente que guarda as constelações do existir de Bernardette, como poeta.

Penso que a interpretação destes haicais belíssimos permite vislumbrar a maneira harmoniosa e o conhecimento estilístico que abrangem todos os haicais da Autora, assim como a intensidade lírica da linguagem que os estruturam e os descerram a cada

leitura que fazemos de seus significados. Esses poemas referem-se, de modo amplo, a vozes e circunstâncias que se opõem, na perspectiva e circunstância de ruído e silêncio, efêmero e eterno, velado e revelado. Como exemplo, citamos o haikai (nº24): “O sol vermelho mergulha / na linha do horizonte - / revela-se o seu mundo oculto”. Ao se extinguir, o sol ressurgue na completude de sua força, de sua intensidade, na exuberância do paradoxo. Na compreensão de que o brilho (“vermelho”) se associa à escuridão (“mundo oculto”) ele reencontra, nesta dualidade, a perfeita unidade do dinamismo que o imobiliza para sempre, como objeto poético.

Cabe neste espaço final deixar algumas linhas vazias para nelas caber um texto do poeta e pesquisador francês, Michel Collot, citado pela professora Márcia Helena Saldanha Barbosa no ensaio que redigiu sobre a poesia de Sophia de M B Andersen. Diz ele: “A linguagem não tem o poder de dizer tudo. O poema ao final de seu percurso reencontra sua origem silenciosa: seu horizonte último é o silêncio.”

E, não mais palavras.

Lina Tâmega Peixoto é poeta, crítica literária, professora, escritora, membro da Academia de Letras do Brasil, Associação Nacional de Escritores e do Pen Clube do Brasil-RJ.

Roberto Scarano

Advogado

OAB - SP 47239

Execuções

Família



Cível

Trabalhista

Rua Major Basílio, 441 - Cjs. 10 e 11 - Mooca - São Paulo
Tel.: (11) 2601-2200 - scaranor@terra.com.br

RIOS DE VIDA E MEMÓRIA DE CHRONOS

Alfredo Pérez Alencart

Versão de Ronaldo Cagiano

1.

David, o poeta e rei bíblico, já arrependido de seu abjeto proceder, testemunha a plena entrega ao Senhor em um lindo Salmo, reconhecendo que nada teme porque tem Seu amparo. Dentre outros versos do mesmo, queria destacar o que diz assim: "Deitar-me faz em verdes pastos, guia-me mansamente a águas tranquilas."

Menciono a calma dessas águas porque em se tratando da poesia de Alice Spíndola, os rios têm destaque e constituem os pontos centrais de sua obra lírica, rios que podem ser chamados de Araguaia, Loira, Tormes ou qualquer outro que banha seu coração e lhe é motivo para escrever versos sentidos, donde ela se entranha nas águas e seus mistérios, mas também com os lugares onde fluem essas correntes que chegam aos mares do mundo. Por isso registra seus afetos, seus vínculos que transcendem continentes, como quando trata o rio que atravessa Salamanca, a caminho do Douro lusitano e do frio Atlântico:

*E tu, Tormes, tu sussurras,
ao dedilhar os finos fios
de teu corpo líquido.*

Fala aos rios, como outros falam aos seus bichos ou animais de estimação; como outros falam ou põem música para suas plantas: os rios na vida de Alice; Alice pregando a vida que os rios doam. As águas dos rios como um remanso em multiplicada plenitude, também estremecimento e espaço propício para seus olhos iluminados diante de todos os vislumbres. Alice, os rios, a vida...

2.

Em "Sob o Sumo do Tempo" Alice Spíndola entrega porções de seu bemquerer aos rios, mas as complementa com outra de suas grandes paixões, como se fosse a sacerdotisa de Chronos, o deus de todas as idades. Trata-se do Tempo, mas não só enquanto ao eterno ou à magnitude de seu caráter físico, tal como o entendemos (tentamos, em vão, alcançar o impossível: guardá-lo para depois o modificar no seu transcurso), sinto também que esse Tempo tem a ver com o Universo e à rotação dos astros.

A poeta brasileira é tudo o que vê, verdadeiramente, mas também é tudo o que sente e pressente: ela se entrega à sua valiosa candura e expressa sua postura:

*Sustento a lenda do Tempo
herdeira de um manancial de horas
que amanhecem e anoitecem
num vagar de ritmo imutável.*

*Indevassável,
o mistério dos minutos.*

Sempre lastreada no Assombro, Alice busca mergulhar no segredo do Tempo, não obstante saber que a hora não chegou, que o fio de água que leva à concha de suas mãos ainda não evaporou.

Assim, após o eco original devem estar as piores horas, as que nos ensinam a partir.

3.

Mas há mais, muito mais em sua obra lírica, em seu histórico poético:

*Atrás do espelho, o rosto,
na música de fundo
a história de mim.*

Há sons na água, no tempo, no amor: há sonhos onde se acomodam as invocações e os

alumbramentos; também os desejos que se depositam sobre a pele e entrando em permanente ignição, não terminam nunca. Há silêncios que são como bússolas: "Na gruta do anoitecer/ sou a flor acesa que habita/ as nervuras do silêncio". E, claro, como amálgama de toda sua escritura está o amor, que, sem dúvida, se enquadra na própria confissão da poeta.

*Da alquimia
do meu coração
deságua grande amor.*

Novamente, a água, bombeando amor do coração: São as Tábuas de sua Lei e assim torna impossível asfixiar-se diante das venenosas adversidades quotidianas. Ela diz: "Sopro da mão/beijos para você", e já não há quedas, pois prevalece a memória do desejo e da esperança.

4.

E as homenagens e admirações: pelo livro encontramos textos dedicados a Eugénio de Andrade, Leon Felipe, António Salvado, Juan Ruiz Peña, Gladys Carcher Quiroz ou Stella Leonardos; cita Mário Quintana, Antonio Olinto, João Cabral de Melo Neto, Miguel de Unamuno, Afonso Félix de Souza, Jacqueline Alencar, Juan Carlos López Pinto ou este escriba. E uma dedicatória geral a Pilar Fernández Labrador, dama da cultura de Salamanca. E uma manifestação e/ou abraço aos gêmeos ibéricos: Espanha e Portugal. E à excelência da pintura de Miguel Elías e à fotografia de José Amador Martín ilustrando a capa e o miolo dessa nova safra que Alice dedica à poesia, sobre a qual assim se pronuncia:



Alice Spíndola

*Chama,
feito promessa
sendo tudo o que me resta.*

*Lâmina afiada. Este vazio
corta o luar do meu canto.*

5.

Transferir versos de um idioma a outro, oferecer uma primeira versão, constitui uma nova criação, pois se consegue baixar a ponte levadiça que impedia saborear como se deve o escrito em língua não conhecida.

Pelo menos é isso que tentei com os poemas de Alice Spíndola, os quais florescem com simplicidade como quem dá bom dia. Entretanto, ela segue derramando sonhos e manipulando seus relógios d'água, entre o mito e a certeza.

Tejares, Salamanca (junho de 2015)

Alfredo Pérez Alencart
Universidade de Salamanca

Profa. Sonia Adal da Costa

Revisão - Aulas Particulares

Tel.: (11) 2796-5716 - 97382-6294

portsonia@ig.com.br

Livraria Brandão



Comprav-se bibliotecas e lotes de livros usados.

Vendem-se obras de 2ª mão, de todas as áreas do conhecimento humano.

Telefax: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 - Fax: (Todos)
Ramal 23 - São Paulo: Rua Cel. Xavier de Toledo, 234 - s/l
oldbook@terra.com.br - www.brandaojr.estantevirtual.com.br

Guiomar: guerra e paz postergadas

Fábio Lucas

Ao depararmos com o romance *Palavras Cruzadas* de Guiomar de Grammont (Rio: Rocco, 2015), abre-se ao leitor um universo de questões relacionadas com o discurso narrativo. Trata-se de obra marcante na forma e nos conteúdos que a autora pretendeu registrar.

Aparentemente se verifica plena compatibilidade entre o texto e o contexto, de tal sorte que a estrutura cursal/temporal da narrativa flui sem tropeços, como se a autora seguisse o modelo trivial do relato. Forma-se um núcleo central, pontilhado de indagações, a sugerir indevassável mistério.

O conjunto, sequencial, é seccionado em sessenta capítulos, todos inteiriços, todavia correlacionados com a totalidade. Cada capítulo acumula informações novas, aguça a curiosidade do leitor à semelhança dos temperos sugestivos da telenovela, ou dos breves motivos-livres das ficções machadianas, nosso ancestral exemplar.

A leitura de *Palavras Cruzadas* é edificante e prazerosa. Na verdade, não significa o fruto de uma escrita espontânea e impensada. Antes, traduz o efeito de árduo e conquistado poder artesanal. Trata-se de um romance de conteúdo político-filosófico, pois, além de envolver o leitor no empenho da protagonista para buscar o irmão desaparecido, seu herói idealizado, ministra um



volume inédito de informações e descobertas a respeito de um dos episódios mais ocultados pela minoria golpista, militar e civil, que, simulando representar o povo brasileiro, desencadeou violento extermínio das facções rebeldes.

Deste modo, desdobra-se o vigor afirmativo do romance, já que, contextualizado, lança luzes sobre os eventos romaneados. Três vozes compendiam o teor de verdade dos acontecimentos narrados: a da narradora, juntamente com a protagonista que, juntos, acrescentam a *Palavras Cruzadas* o testemunho

de uma geração pequeno-burguesa, emergente no quadro hostil da ditadura, cheia de tópicos críticos e de sonhos; a terceira voz, difusa, tem por sede inumerável grupo de depoentes, visitados e entrevistados, a fim de se recompor o estado de espírito reinante no período ditatorial. É o lado confessional do romance. Revela intensa e árdua pesquisa. Não esgota, entretanto, a extensão das pesquisas. Por exemplo: a narradora se põe a elucidar as técnicas de guerrilha que os rebeldes brasileiros foram adquirir em Cuba, na China, na antiga Tchecoslováquia e até na Rússia. Mostra ainda como os mestres cubanos aprenderam o português, lendo e divulgando Taunay e Euclides da Cunha. Estudando a solidão de

Hemingway e o suicídio do escritor.

Como a ação trágica do relato se passa no sul do Pará, teve a autora de delegar à protagonista elementos sobre a flora, a fauna e os acidentes histórico-geográficos da região em que se trava o inútil embate de brasileiros na guerrilha do Araguaia. Temo que a censura, persistente até hoje, mergulhou no silêncio e no esquecimento.

O leitor haverá de curtir os nomes populares de plantas e bichos utilizados pelas comunidades para alimentação e para usos

terapêuticos. Enfim, um belo catálogo da cultura de subsistência do interior do Brasil.

Por último, cumpre-me assinalar os recantos textuais que medram por entre os relatos de pesado cunho dramático.

Falo de trechos sublimes do entreccho, nos quais, a criação real do discurso transcende o discurso do real. Ou seja: quando a voz da escrita se impregna de sentimentos provindos do campo estético, musical e expressivo das palavras. Inclusive das palavras cruzadas, produto final da larga experiência docente e criadora de Guiomar de Grammont.

Assim sendo, *Palavras Cruzadas* apontam para a maturidade do repertório literário da autora, homologam uma individualidade ímpar. Original e histórica, por introduzir na temática da ficção brasileira o equívoco da guerrilha do Araguaia, explicitando, no bojo do tema-tabu, o desejo de paz e de extermínio do ódio e da repressão a tudo que se apresente como estranho e diferente, até mesmo exótico. O mito da tolerância e a prática do diálogo detirão, com certeza, as mãos da violência. A permanência da cultura democrática dispara a discriminação e o autoritarismo, o poder sem negociação e o golpismo nepotista.

O romance de Guiomar de Grammont insinua o discurso livre e original, reforça o poder da arte literária.

Fábio Lucas é professor, crítico, ensaísta e ficcionista. Autor da obra *Novas Mineirinhas (recaída)*, a sair, em 2015.

Débora Novaes de Castro

Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO - COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...

Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÓFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS - 100 HAICAIS BRASILEIROS

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...



Antologias:

Poemas: II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA

Trovas: II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS

Haicais: II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL

Opções de compra: Livraria virtual **TodaCultura:** www.todacultura.com.br
via telefax: (11)5031-5463 - E-mail: debora_nc@uol.com.br - Correio:
Rua Ática, 119 - ap. 122 - São Paulo - SP - Cep 04634-040.

ZOO MELÓDICO de Gabriel Bicalho

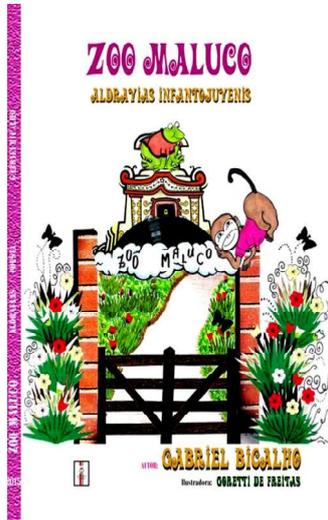
Andreia Donadon Leal

Neste ZOO MALUCO, o poeta Gabriel Bicalho conduzirá o leitor pelo universo da poesia de seis versos univocabulares, forma criada pelo autor e pelos escritores do Movimento Aldravista no décimo ano do século XXI. A melodia destas aldravias desenha a superfície de toda obra, quando os olhos do leitor começarem a correr pausadamente pelo conjunto de vocábulos que forma cada poema tramado, com o correr do pulso e impulso desse mestre que domina, como poucos, estilos e gêneros da poesia – da Clássica à Contemporânea.

É importante fazer breve análise de alguns poemas do ZOO MALUCO, para demonstrar a linguagem usada pelo poeta, o que o diferencia de outros autores que se aventuraram ou se aventurarão na produção de aldravias, para o público infantil. O estilo de Gabriel Bicalho é inconfundível, marchetado de recursos técnicos e de criatividade poética, sua marca registrada e conhecida, a brincar com conceitos sérios, como o do autoritarismo:

decreto
lei
do
rei
leão:
leia!

O autor dispõe em linométricas verticais diversos instrumentos da linguagem poética, como a Estilística Fônica ou do som que trata dos valores expressivos de natureza sonora observáveis em cada vocábulo. Para a produção da



poesia infantil, um dos recursos básicos é fazê-la com ludicidade, ritmo e simplicidade, embalando o leitor para voltar para o mundo MÁGICO e MALUCO das palavras.

cavalinho
de
pau
brincando
na
memória

O poeta usou Aliterações, Paradoxos, Trava-línguas para darem ritmo e efeito sonoro às aldravias. Essa repetição ao longo dos textos acaba fazendo da sonoridade uma brincadeira genial. Este é um dos recursos expressivos mais usados pelos escritores consagrados da poesia infantil, pois eles sabem da necessidade de concentrar melodia, harmonia e ritmo, para produzir um efeito especial que convidará o leitor para uma leitura pausada.

ele
infante
elegante
elefante
seguinte
avante!

Talvez a principal PERSONAGEM desta obra seja a LINGUAGEM com seu tom altamente musical, rítmico, metonímico, imagético e sinestésico. Cada aldravia esculpida pelo autor convoca o leitor à aldravia seguinte, encandeando-se com os movimentos de uma sinfonia inédita absoluta, com vertiginosa densidade poética.

Não poderíamos deixar de citar Pound, para falar sobre o reconhecimento do poeta Gabriel Bicalho. Os críticos honestos se contentarão, certamente, em eleger a produção contemporânea deste barítono das palavras, quando tiverem em mãos toda sua obra produzida ao longo de mais de meio século.

James Joyce profetizou, com suave ironia, que sua obra manteria os professores ocupados. Aqui, prevenimos com conhecimento de causa e efeito, que a obra de Bicalho convocará não só a classe acadêmica, mas diversos públicos, para a leitura deleitosa de sua vultosa criação literária.

O poeta não se contentou apenas em praticar as influências literárias canonizadas, dizendo em seus discursos apaixonados pela arte poética, que sua missão era prosseguir o caminho deixado pelos mestres da Literatura Brasileira, construindo o Paideuma, proposta poundiana para que as gerações futuras tivessem oportunidade de trilhar os caminhos deixados pelos artífices do Movimento Aldravista.

Gabriel dá asas ao fundo e a forma da poesia neste ZOO MALUCO, capaz de extrair o elemento universal com o particular. O poeta pertence a uma categoria de escritores que Nietzsche chamou de “filósofos do perigo”, que são aqueles que não aceitaram fôrmias (com acento circunflexo) ordenadas e se aventuraram na invenção de formas (sem acento circunflexo) poéticas para a instauração de uma nova, mas também provisória ordem.

Leitores, sejam bem-vindos ao universo harmônico e melódico do ZOO MALUCO!

Andreia Donadon Leal é poeta, escritora, artista plástica e Mestre em Literatura pela UFV.

Veleiro Invisível

Rosani Abou Adal

Som invade a solidão da alma,
coração sem vestes em naufrágio.
Barco sem rumo, sem destino
guia meus pensamentos.
Marinheiro solitário na noite,
sem estrelas, sem bússola.
Mar negro ilumina caminhos,
transcende a metáfora do vazio.
Peixes dormem no fundo do oceano,
apenas ondas quebram o silêncio.
Palavras mudas acordam multidões.
Sozinha em pensamentos,
sinto o cheiro dos espíritos
visitantes do veleiro invisível.

Rosani Abou Adal é escritora, jornalista e Vice-Presidente do Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo.

xavierlima@terra.com.br
xavierdelima1@gmail.com
(14) 3731-9471
(14) 99161-0675 (Claro)
(11) 97958-6182 (Tim)
www.xavierdelima1.wix.com/xavi

JOÃO BARCELLOS

Homenagem à Solidariedade

Senhoras e Senhores:

Hoje celebramos o ato de ser e de estar de um intelectual que nos ensina diariamente a construir laços solidários em prol da humanidade: **João Barcellos**. Este luso-brasileiro, que desde os tempos dos **Cadernos Poesia**, no Rio de Janeiro, ficou conhecido por ser universalista e editorialmente independente, continuou a sua saga de lenda cultural pela América Latina fazendo de São Paulo a sua casa.

Além de romance, poesia, história, contos e ensaios, centenas de prefácios, **João Barcellos** publicou, com a **TerraNova Comunic** e a **Ed Edicon**, no Brasil e Portugal, uma série de livros técnicos e atua na **imprensa especializada** a par da exibição de conteúdos em **palestras para professorado e empresariado** – a saber: **Comunicação Visual** [2008]; **Estamparia** [2010]; **Do Fabuloso Araçoiaba Ao Brasil Industrial** [2011]; **Imagem Especializada** [2012]; **Indústria Digital** [2013 + palestra, 2013-2015]; **Alquimia, Moda & Comunicação Visual** [2014] e **Sustentabilidade** [palestra, 2014 e 2015]. **João Barcellos** é co-fundador [2008] da Revista **Impressão & Cores** e foi co-fundador/editor do jornal **O Serigráfico** [2006-2011], do **Science and Education** [Dublin], do **En Vivo y Arte** [Barcelona] e da revista **Vida & Construção**, entre outros.

Membro do **Grupo de Debates Noética** (Brasil e Argentina) e do **Centro de Estudos do Humanismo Crítico** (Guimarães-Portugal), ele é o coordenador das coletâneas **Palavras Essenciais** (11 volumes) e **Debates Paralelos** (10 volumes), além de alguns **saraus lítero-históricos**.

Senhoras e Senhores:

Celebrar o trabalho social e profissional de **João Barcellos** é celebrar o intelectual que vai a campo em busca de informações para formatar obras de cunho tecnológico e historiográfico, a par da generosidade com que repassa os seus conhecimentos a novos talentos literários latino-americanos.

Singela mas autêntica, eis a nossa homenagem à solidariedade social e profissional deste amigo e mestre que honra a luso-brasilidade.

Mário Gonçalves de Castro

Em nome de Amigos e do Grupo de Técnicos em Artes Visuais
Embu das Artes - SP, agosto de 2015.



João Barcellos

Livros

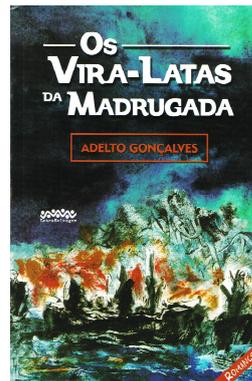
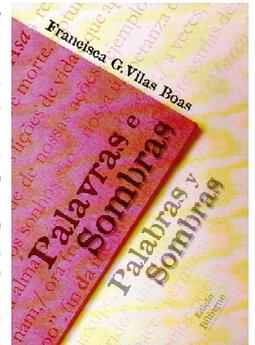
Palavras e Sombras - Palabras y Sombras, poemas de Francisca G. Vilas Boas, edição bilingue português/espanhol, 134 páginas, Scortecci Editora, São Paulo, SP. Tradução de Miren Josune Marco Oqueranza. ISBN: 978-85366-4318-2.

A autora é contista, poeta, professora, escritora, advogada e pós-graduada em Direito e Letras.

A tradutora é professora do Instituto Cervantes, graduada em Filologia Vasca pela Universidad del País Vasco - EHU e especializada em Linguística Aplicada.

Segundo Caio Porfírio Carneiro no prefácio da obra: "Como poucos que lidam com a Arte Escrita, sobretudo com a poesia, a poeta sabe valorizar, usar e transmutar as *palavras*, livres de qualquer maniqueísmo redundante. Surpreendente e, repetimos, sempre *simples* sem ser *fácil*."

Livraria Asabeça: www.asabeça.com.br



Os Vira-Latas na Madrugada, romance de Adeldo Gonçalves, LetraSelvagem Editora, Taubaté, SP, 216 páginas. ISBN: 978-85-61123-16-1.

O autor é jornalista, escritor, professor, crítico literário, doutor em Letras na área de Literatura Portuguesa e mestre na área de Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-americana pela Universidade de São Paulo (USP).

A obra foi agraciada com Menção Honrosa no **Prêmio Nacional José Lins do Rego**, da Livraria José Olympio Editora, do Rio de Janeiro.

A história se passa às margens do cais santista com personagens que fazem rememorações da época do tenentismo da Coluna Prestes, passam pela Época Vargas e chegam até o período pré-golpe de 1964, onde efetivamente se passa a narração, e tem como pano de fundo a vida sindical.

LetraSelvagem: www.letraselvagem.com.br

À Procura de Lucas, romance de Flávio Cruz, Clube de Autores, 132 páginas, Joinville, SC. ISBN: 978-1-312-19398-7.

O autor é escritor, romancista, professor e formado em Letras pela Universidade de São Paulo. Reside Orlando-Flórida e leciona Português para americanos.

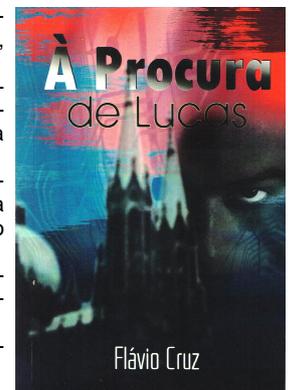
A obra, de ficção científica, é uma narrativa bem produzida e a história se passa num futuro próximo e num passado não muito distante.

Tem personagens, cenários e situações marcantes. A trama conta com muito suspense.

A assessoria de imprensa é de Guilherme Loureiro.

Flávio Cruz: (11) 3957-1304.

Clube de Autores: www.clubedeautores.com.br



ACOLHIDA

Maria de Lourdes Alba

Nem mesmo o céu pode me acolher
Nem mesmo a água me matará a sede
Nem mesmo eu

E ando e vou
Sempre à frente
De um céu
Que não está no céu
Ou da água
Que não existe

A saliva
Nem mesmo a saliva me suaviza
Nem mesmo seus olhos
Que com seu encanto me desencantam
Pois nem mesmo o céu me acolherá

Maria de Lourdes Alba é poeta, escritora, contista e pós-graduada em Jornalismo.

Notícias



Leda Coletti

Leda Coletti, escritora piracicabana, foi agraciada com Medalha de Mérito Cultural *Profª Branca Motta de Toledo Sachs*, categoria Literatura, da Secretaria de Ação Cultural. Os vencedores de 2015 foram a artista plástica Gracia Maria Nepomuceno, a cantora Débora Letícia, o arquiteto Cyro Octávio Gatti Ferraz de Toledo, a atriz Fátima Cristina Monis, o fotógrafo João Carlos do Nascimento Ferreira, a bailarina e coreógrafa Greice Arthuro e o diretor administrativo da OSP, José Carlos de Moura. No Mérito Empresarial foram agraciados a Associação Comercial e Industrial de Piracicaba, Bolo da Madre, Maison Vivenda Buffet, Associação da Indústria de Panificação e Confeitaria de Piracicaba e Região, Grupo Bom Jesus, Delta Supermercados, Solpack, Oji Pa-péis Especiais Ltda e ArcelorMittal.

Eunice Arruda lançou o livro de poemas *tempo comum*, pela Editora Pantemporâneo. Também foram lançados, pela mesma editora, os livros *Outra manhã e seus deuses* de Y. Fujyama e *Celso de Alencar - O poeta das meias vermelhas*, de Lelia Maria Romero.

Raquel Naveira proferirá a palestra "Poesia e Utopia: a função social da Poesia", no dia 11 de novembro, quarta-feira, às 19 horas, para os acadêmicos do curso de Letras da Faculdade Anhanguera, de São Bernardo do Campo.

João Bosco Botelho lançou *Cordeiros e Bodes*, pela Editora Valer, no dia 17 de outubro, no Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas.

A Universidade do Livro criou uma Comissão Consultiva que definirá as diretrizes da Unil, o planejamento mensal dos cursos e a indicação de palestrantes e temas, de acordo com as necessidades do mercado editorial. A comissão é composta por Cristiana Negrão, Jiro Takahashi, João Luís Ceccantini, do diretor-presidente da Editora Unesp, Jézio Gutierrez, e da gerente de cursos e formação, Daura Kanotami.

Carolina Maria de Jesus (1914 - 1977), escritora, poeta e sambista brasileira, foi homenageada com uma exposição no Museu Afro Brasil, Av. Pedro Álvares Cabral, s/n, Parque Ibirapuera, em São Paulo. A exposição, com curadoria de Roberto Okinaka, ficará em cartaz até o dia 31 de janeiro de 2016.

A Biblioteca do Itaú Cultural foi reaberta e poderá ser visitada através de agendamento feito pelo telefone (11) 2168-1883 ou e-mail biblioteca@itaucultural.org.br.

Me esqueci completamente de mim, sou um departamento de cultura, obra organizada por Carlos Augusto Calil e Flávio Rodrigo Pentead, foi lançada pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo e Secretaria Municipal de Cultura. O livro reúne documentos, entrevistas com Mário de Andrade e Fábio Prado e cartas do escritor a Oneida Alvarenga, Murilo Miranda, Câmara Cascudo e Prudente de Moraes.

A 2ª Festa Literária de Maringá, organizada pela Secretaria Municipal de Cultura de Maringá, com o apoio institucional da Câmara Brasileira do Livro, será realizada de 27 a 31 de outubro, no Centro de Convivência Renato Celidônio, em Maringá (PR). <http://bit.ly/1QJx4EQ>

Antologia da Poesia Erótica Brasileira, organizada por Eliane Robert Moraes, foi lançada pela Ate-liê Editorial. A obra apresenta as principais figuras de pensamento e formas de criação que compõem nossa lírica erótica desde o século XVII até os dias de hoje.

O 12º Seminário ANATEC de Mídia Segmentada será realizado no dia 29 de outubro, quinta-feira, das 8h30 às 17h30, no Hotel Luz Plaza, Rua Prates, 145, em São Paulo. www.anatec.org.br

Sonia Sales, Teresa Cristina Meireles de Oliveira e Cacá Dígues proferirão palestra com o tema *Elegia para Jorge de Lima, acadêmico da ACL*, no dia 26 de outubro, às 17h30, na Academia Carioca de Letras, Rua Teixeira de Freitas, 5, sala 306, no Rio de Janeiro.

Maria de Lourdes Alba lançará *Voos da Manhã*, poemas, Editora Frutos, no dia 5 de novembro, quinta-feira, das 17 às 20 horas, na União Brasileira de Escritores, Rua Rego Freitas, 454 - 6º andar - conjuntos 61 e 62, em São Paulo.

Daniel Mazza Matos teve a primeira parte do poema "A SINFONIA DO TEMPO: primeiro livro de filosofia" publicado na *Revista Brasileira* da Academia Brasileira de Letras, abril-maio-junho 2015, Ano IV, Nº 83, págs. 247 - 252, disponível em www.academia.org.br/publicacoes/revista-brasileira-no83

Navios iluminados, último livro do escritor e médico sergipano Ranulfo Prata (1896-1942), foi lançado pela Edusp. A primeira edição foi lançada em 1937 pela Livraria José Olympio Editora e acolhida pelos críticos Nelson Werneck Sodré e Alceu Amoroso Lima.

ÁFRICA LUSÓFONA: Narração Oral de Histórias, do Grupo A JACA EST, apresentação - intercambiada por brincadeiras, adivinhas, jogos e cantigas africanas -, que está relacionada com a cultura e tradições dos países africanos de língua portuguesa (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe). A concepção, pesquisa, direção e atuação é de Geraldo Fernandes, com a participação do músico e ator Beto Kpta. www.youtube.com/watch?v=ySLKcWwkuJg

Teruko Oda lançou *Waga Furusato no Uta*, edição bilingue, pela Escrituras, com apoio da Associação Cultural e Literária Nikkei Bungaku do Brasil.

Marta Barcellos, com a obra *Antes que seque*, foi laureada com o *Prêmio Sesc de Literatura*, na categoria Conto. Sheyla Smaniotto Macedo, com *Dessesterro*, foi agraciada na categoria Romance. Os livros serão publicados pela Editora Record. www.sesc.com.br/premiosesc

Cleonice Berardinelli, membro da Academia Brasileira de Letras e professora emérita da UFRJ e da Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ), foi homenageada pelo IV Congresso Internacional da Cátedra Jorge de Sena da Faculdade de Letras da UFRJ, realizado em parceria com a Academia Brasileira de Letras.

Antonio Carlos Secchin participará do ciclo de conferências da Academia Brasileira de Letras, com palestra sobre Carlos Dummond de Andrade, no dia 12 de novembro, quinta-feira, às 17 horas, no Auditório Machado de Assis da Biblioteca Nacional, Rua México s/n, no Centro, Rio de Janeiro.

A IV Semana de Arte Aldravista, realizada de 22 a 27 de outubro, às 19h, em Mariana (MG) em comemoração aos 15 anos da criação da *Aldrava Letras e Artes*. Será lançado o *Livro III das Aldravias* com participação de 63 poetas aldravianistas brasileiros, portugueses e chilenos. A Aldrava Letras e Artes fundou e mantém produtivo o Movimento de Arte Aldravista, na poesia como criação da Aldravia - poema de seis palavras -, e na arte visual, a pintura aldravista que privilegia a metonímia, sendo indício de conceitos que emergem de sugestões pictóricas.

Indicador Profissional



Genésio Pereira Filho

Advogado

Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 300 - cjs. 62/64
São Paulo - SP - 01318-903 - Tel.: (11) 3107-7589

